

MÚSICA DANÇADA A DOIS. PARA UM BALANÇO HISTÓRICO DA RELAÇÃO FESTIVAL-CIDADE

MUSIC TO BE DANCED BETWEEN TWO. FOR A HISTORICAL BALANCE OF THE FESTIVAL-CITY RELATIONSHIPS

MUSIQUE POUR DANSER A DEUX. POUR UNE ANALYSE HISTORIQUE DE LA RELATION FESTIVAL-VILLE

MÚSICA BAILANDO A DOS. PARA UN BALANCE HISTÓRICO DE LA RELACIÓN FESTIVAL-CIUDAD

Paulo Nunes

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Universidade Federal de Itajubá, Coimbra, Portugal, Brasil

RESUMO: Este ensaio desenvolve uma abordagem histórica sobre a origem dos festivais contemporâneos e a sua relação com as cidades, discutindo de que forma esse processo pode dar conta da multiplicidade de dimensões sociais, culturais e políticas envolvidas na constituição dos festivais e da respetiva relação com as cidades. Através de um balanço histórico dos festivais e suas aproximações com a cidade, o presente artigo tem por objetivo elucidar evidências desse encontro por meio de três recortes: (i) seus aspetos rituais e interesses envolvidos; (ii) seus usos como ferramenta para a construção de nacionalismos; (iii) suas funções para a definição de novas elites e invenção da "alta cultura". A panóplia de autores utilizados para sustentar os conceitos apresentados dar-nos-á a dimensão de todo o trabalho de revisão bibliográfica executado. Diferentes contextos e festivais ilustrarão recortes e cadeias de sentido para compreendermos possíveis significados da celebração pública na sociedade contemporânea, fazendo com que novas histórias permaneçam em aberto, à espera de novas enunciações.

Palavras-chave: festivais, história urbana, cidades, controlo social, cultura.

ABSTRACT: This essay develops a historical approach about the origin of contemporary festivals and their relationship with city, discussing how this process can account for the social, cultural and political dimensions involved in this par. Through an historical balance of festivals and their approaches to the city, this article aims to elucidate evidence of this encounter through three topics: (i) its ritual aspects and interests involved; (ii) its uses as a tool for the construction of nationalisms; (iii) its functions for the definition of new elites and the invention of "high culture". A panoply of authors used to support the concepts presented will give us the dimension of all the bibliographic review performed. Different contexts and festivals will illustrate cuts to understand possible meanings of the public celebration in contemporary society, causing new stories to remain open, waiting for new enunciations.

Keywords: festivals, urban history, city, social control, culture.

RÉSUMÉ: Cet essai développe une approche historique de l'origine des festivals contemporains et de leur relation avec la ville, en examinant comment ce processus peut prendre en compte les dimensions sociales, culturelles et politiques impliquées dans ce couple. À travers une analyse historique des festivals et de leurs approches de la ville, cet article vise à élucider les preuves de cette rencontre à travers trois thèmes: (ii) son utilisation en tant qu'outil de construction de nationalismes; (iii) ses fonctions pour la définition de nouvelles élites et l'invention de la "haute culture". La panoplie d'auteurs utilisée pour étayer les concepts présentés nous donnera la dimension de tout le travail de révision bibliographique effectué. Différents contextes et festivals illustreront des chaînes de signification pour comprendre les senses possibles de la célébration publique dans la société contemporaine, faisant en sorte que de nouvelles histoires restent ouvertes, l'attente de nouvelles énonciations.

Mots-clés: festivals, histoire urbaine, villes, contrôle social, culture.

RESUMEN: Este ensayo consiste en una abordaje histórica sobre la origen de los festivales contemporâneos y sus relaciones con la ciudad, discutiendo cómo este proceso puede explicar las

dimensiones social, cultural y políticas implicadas en este par. A través de un balance de festivales y sus acercamientos con la ciudad, este texto trata de discutir la evidencia de este encuentro a través de tres tópicos: (i) sus aspectos rituales e intereses implicados; (ii) sus usos como herramienta para la construcción de nacionalismos; (iii) sus funciones para la definición de nuevas élites e invención de la "alta cultura". La panoplia de autores utilizados para sostener los conceptos presentados nos dará la dimensión de todo el trabajo de revisión bibliográfica ejecutado. Diferentes contextos y festivales ilustrarán recortes y cadenas de sentido para comprender posibles significados de la celebración pública en la sociedad contemporánea, haciendo que nuevas historias permanezcan en abierto, a espera de nuevas enunciaciones.

Palabras-clave: festivales, historia urbana, ciudad, control social, cultura.

1. Introdução

Praticados como celebração pública, que sentidos e significados os festivais carregam? Quais elementos podem ser encontrados ao fazermos um balanço histórico dos festivais, quando colocamos a atenção para suas relações mais gerais com a cidade? Enunciar respostas a essas perguntas é uma atitude desafiadora, isso porque a própria definição do surgimento da cidade e do conceito de celebração pública é, por si só, polissêmica. Desde as primeiras festividades que tiveram lugar na *polis* grega, até as mega-maratonas culturais observadas nas cidades globais contemporâneas, existe um espectro bastante vasto de formas, comparações e sentidos de prática. A construção de um artigo que verse sobre o tema implica, antecipadamente, no respeito a diferentes idiosincrasias e papéis assumidos por esses eventos, ao longo da história. Qualquer tentativa de associação direta entre fatos e conceitos pode camuflar reflexões em vez de fazê-las emergir e, por isso mesmo, este texto prestar-se-á a elucidar pistas gerais sobre as aproximações entre festival e cidade em diferentes momentos históricos.

Como constructos sociais em transformação constante, e com sentidos e significados distintos, consoante os seus emissores e os seus recetores (Fortuna, 1998), os festivais carregam consigo cargas diferentes de significados a depender das realidades com as quais estão vinculados. Ligados às formas de controlo e regulação associadas à existência de espaços de liberdade (Deleuze; 1991; Simondon, 2005), eles podem ainda serem tomados como moduladores do desenvolvimento das cidades contemporâneas. É importante ressaltar que a ideia deste ensaio não é tecer uma elaboração cronológica, que percorra uma continuidade histórica entre os diferentes tipos de celebrações públicas com o desenvolvimento da cidade. Outrossim, o argumento será exposto de maneira mais aberta, e segundo a ideia de que diferentes contextos podem demandar papéis específicos destes eventos. Mais do que uma varredura que pretenda mostrar-se transversal e linear, o exercício de percorrê-los a partir de eixos temáticos pode nos ajudar a encontrar evidências que iluminarão as perguntas que introduzem este texto.

Que elementos podem ser enfatizados e discutidos quando colocamos nossa atenção para o percurso dos festivais no desenvolvimento das cidades? Seus aspetos rituais e liminares na catarse coletiva e controle social; suas influências nas definições de “alta cultura”; seus usos políticos como ferramenta de resistência ou enaltecimento de nacionalismos. No exercício de analisar diferentes períodos e encontrar marcos associados ao surgimento de festivais específicos até o início do século XX, serão apresentadas, a seguir, ideias que buscarão perceber como os diferentes significados atribuídos aos festivais e outras práticas de celebração pública ao longo da história podem corroborar para entendermos os processos de modulação mais recentes que envolvem festival e cidade.

2. Ritos e interesses em festa

Exemplos significativos de celebração pública, os festivais guardam relação de proximidade com a cidade e têm nela um papel importante, já, há muito tempo. É possível referenciar, nesse sentido, as celebrações dionisiacas praticadas em Atenas, desde 534 a.c., ou os inúmeros festivais pré-cristãos, ligados ao paganismo e à tradição espiritual, que tiveram lugar na Europa pré-medieval (Merkel, 2014). Ao pressuporem apresentações abertas, tais eventos requisitavam, invariavelmente, uma aglomeração razoável de pessoas e, por essa razão, as praças, jardins, largos, pátios e demais espaços de uso coletivo justificavam sua ocorrência e sazonalidade em intervalos regulares, servindo como locais de encontro para a expressão cultural de pessoas em locais determinados (Merkel, 2014).

A qualidade de "tempo fora do tempo" que invariavelmente permeia o imaginário dos festivais já foi discutida de diferentes maneiras. Bakhtin (1968), por exemplo, destacou o aspeto carnavalesco a eles associado, por oferecerem uma libertação temporária das restrições e regulamentos do tempo ordinário, resistindo a automatização do cotidiano ordinário da vida moderna (Lefebvre, 1991). Elias e Dunning (1992), por sua vez, completam este raciocínio quando sugerem que nesse estado as pessoas são, momentaneamente, autorizadas a inverter as normas sociais através da brincadeira coletiva, da frivolidade, da exuberância e da fuga da rotina, em busca de um estado de excitação. Já Abrahams (1982) associa os tempos dos festivais aos tempos rituais, tendo em vista que ambos compartilham um senso diferente de espaço e tempo do mundo cotidiano. Em diálogo com os autores anteriores, Turner (1982) destacou os vínculos entre ritual e jogo presente nestas celebrações públicas.

Em muitos casos, tais festividades atuavam como meio de conexão com o cosmos para proteger a cidade através da intercessão de uma deidade em particular, e esse mesmo papel mítico era central para a fundação e o funcionamento dos assentamentos populacionais nos primeiros aglomerados urbanos. O aspeto sagrado, de certa forma, preenchia a amálgama festiva e ajudava na afirmação de identidade das primeiras cidades. Turner (1982) endossa esse argumento quando sugere que os festivais se constituíram, desde essa época, como veículos fundamentais para expressar a estreita relação estabelecida entre identidade e lugar. Através deles, pessoas de diferentes culturas reconheceram a necessidade de reservar parcelas de tempos e espaços para a criatividade e para a celebração comunal por meio de elementos culturais e, em especial, através da utilização da música como fator de vínculo nas festas e celebrações públicas em geral. Nesses eventos, ela:

Muitas vezes aparece associada à religião, ritos de passagem, fins políticos ou mesmo como um modo de resistência estrutural ou de controlo social (...). No seu núcleo, a festa reflete um coletivismo

gregário, celebra o desejo carnal e transmite a promessa de liberação libidinal³⁸ (Flinn *et al.*, 2014: 418).

A ligação bastante estreita entre música e celebração pede que seja considerado o elemento catártico contido nesses tipos de experiências, uma vez que tais festividades podiam ser também uma maneira de abordar emoções profundas ou tragédias, liberar sentimentos de tensão e buscar o esquecimento da vida cotidiana comum (Considère-Charon *et al.*, 2009). O pensamento sociológico de Émile Durkheim (2003) auxilia-nos a perceber melhor esse aspeto, uma vez que o autor chama-nos a atenção para o fato de que nenhuma sociedade poderia existir longe desse sentido de sacralidade (Durkheim (2003). Segundo ele, o encontro comunitário, é como a única estratégia capaz de produzir um estado de excitação coletiva nestes tipos de eventos.

Handelman (1998) enxerga os festivais mais ligados à transformação e aos ritos de passagem, orientados para a transformação da sociedade ou para sua reprodução. Debatendo-o a partir do seu sentido de festividade, Rappaport (1999) associa estes eventos ao desempenho de sequências mais ou menos invariantes de atos formais e enunciados não codificados pelos atores. Como rituais e produtos históricos passíveis de serem desdobrados em seus aspetos sociais, os processos de celebração, em geral, transbordam a inteligibilidade dos atores e a fixidez de significados na composição de suas redes. É neste ponto que se encontra a potência contida nos festivais e que faz deles espaços privilegiados de convívio, transformação ou reprodução da ordem social. Sua capacidade de reinventar-se constantemente não só lhes tem garantido espaço, ao longo do desenvolvimento das cidades, mas também os tem posicionado em um lugar central para a construção de novos devires (Deleuze e Guattari, 1997), nas sociedades contemporâneas. Tais raciocínios permitem tecer elos importantes que nos fazem perceber, por exemplo, certas continuidades entre festivais rurais e festivais urbanos, durante a história, assim como o papel da igreja nesse processo.

Diferentemente das tradições mais pagãs, ligadas às passagens dos ciclos de estação e outras celebrações agrícolas, a realização de grandes festas nas cidades foram impulsionadas por um forte caráter religioso. Adams (1986) propõe como marco da realização de festivais, em contexto urbano, sua realização em igrejas e catedrais, momento em que foram incorporados aos rituais litúrgicos programas culturais envolvendo recitais e concertos com órgãos e pianos. Havia uma dupla função de júbilo e repouso observadas nestas tradições e em outras que posteriormente passariam a ser praticadas como extensão do espaço da igreja, a

³⁸ Tradução livre do autor. No original "often associated with religion, rites of passage, patronage or even as a mode of structural resistance or social control (...). At its core, festivity reflects a gregarious collectivism, celebrates carnal desire and conveys the promise of libidinal release" (Flinn *et al.*, 2014: 418).

exemplo das comemorações do Corpus Christi (Le Goff, 1999), e de uma série de outros rituais cerimoniais públicos de grande escala que tiveram lugar na Europa, durante toda a Idade Média (Adams, 1986).

Ao ditar como tais eventos deveriam acontecer para se diferenciarem daqueles mais campesinos, pouco a pouco, esse novo modelo de celebração começaria a propor montagens específicas de programação e calendários festivos não mais baseados nas colheitas, estações e fases lunares. Agora, eles são construídos a partir de narrativas de diversão e contornos logísticos próprios, enunciando novas retóricas para convivialidade coletiva e controle social nos centros urbanos, e estes espaços pouco a pouco cresceriam em substituição à organização feudal, durante o período medieval (Le Goff, 2012).

Para lá de sua atuação como processo ritual e elemento agregador de uma sacralidade comunitária (Durkheim, 2003), o festival passa a dotar a cidade de um sentido cosmopolita, que desde então passaria a atuar como fator fundamental para a atração de público e novos negócios. Durante o apogeu das cidades como importantes lugares de trocas comerciais, a celebração construída como fator de integração para diferentes povos e comunidades irá recuperar e ampliar o sentido político do festival como ferramenta de regulação e controle social.

Auxiliando na composição deste cenário, o clássico texto *O Outono da Idade Média* de Johan Huizinga (2010) descreve a cidade pré-industrial como local colorido, repleto de espetáculos, vivido e experimentado através de procissões, execuções públicas e sermões virtuosos proferidos por pregadores itinerantes. Embriões de um modelo de celebração que viria a ser, mais tarde, ressignificado e preenchido por novas disciplinas artísticas, “os festivais pagãos atingiram seu ápice no período medieval, quando crenças e atividades culturais europeias nativas foram integradas de forma cristianizada”³⁹ (Merkel, 2014: 35). Não era raro, por exemplo, uma cidade tornar-se um destino comentado entre diferentes países pela consagração de rotas de peregrinação específicas, ou por importantes festividades litúrgicas combinadas com o oferecimento de agendas festivas e atividades culturais variadas.

Essas diferentes nuances de sentido ritual criadas em torno dos festivais foram, posteriormente, decisivas para o florescimento desses eventos como importantes vitrinas na criação das novas redes de comércio entre as cidades, principalmente, naquelas abertas às novas rotas comerciais internacionais (Le Goff, 1999). A reincorporação das celebrações de temática agrícola teve um papel fundamental nesse processo, uma vez que o desenvolvimento de festivais, durante esse período,

³⁹ Tradução livre do autor. No original “Pagan festivals reached their heights in the Middle Ages, during which time native European religious beliefs and cultural activities were integrated into a Christianized form” (Merkel, 2014: 35).

refletiu o surgimento e o domínio da teoria econômica do mercantilismo, à medida que as feiras e mercados fixavam-se para promover o comércio de uma determinada região (Merkel, 2014). Um misto de festas religiosas e pagãs, feiras agrícolas, exibição de músicos amadores, artistas e apresentações culturais laicas podiam ser comumente observadas, no cotidiano de cidades centrais no cruzamento de rotas mercantis com a Europa, naquela época, como era o caso de Constantinopla, Hamburgo, Genebra, Paris, Veneza e Amsterdão.

Além de seu aspeto estético-performativo e de servirem como lugares de catarse libidinal, as demonstrações culturais públicas exerceram, ali, uma importante função diplomática para as principais cidades tidas como pontos de referência para as zonas comerciais intercontinentais. Territórios de cruzamento para diferentes culturas e civilizações, esses locais de passagem contavam com as festividades para fomentar o intercâmbio entre os povos. Ao servirem como palco para a expressão de culturas híbridas, mostravam-se, também, como lugares propícios para a tolerância, para o diálogo entre diferentes expressões culturais e, por conseguinte, para a atuação como canais de criação e consolidação de novos mercados. Tal princípio será reinventado inúmeras vezes, ao longo da história, fortalecendo relações futuras que passariam a ser estabelecidas entre cidade, eventos culturais, cosmopolitismo e mercado étnico.

3. Celebrar o nacionalismo através da música

Valendo-se da ideia de que a cultura de um povo é única e específica (Elias, 2011), diferentes práticas de celebração com vieses nacionalistas tomaram lugar em diferentes lugares e contextos. Ao escrever sobre o papel desempenhado pelas festividades públicas nas cidades ocidentais, especialmente, durante os séculos XII e XVIII, Muir (1997) atribui aos festivais o papel de fortalecedores da consciência cívica e da identificação dos indivíduos com seu país natal. O historiador Fernando Catroga (1996) abordou de forma mais sistemática essa questão, enfatizando no texto *Ritualizações da história* as comemorações e feriados associados a valores cívicos em Portugal que, segundo o autor, aconteceram sob a égide da matriz cristã na “Civilização Ocidental” (Catroga, 1996). A constante redefinição de territórios e fronteiras, no período de formação dos Estados-Nação, demandava práticas culturais em comum que gerassem senso de pertencimento e consolidação da nação e, por isso mesmo, os festivais e celebrações culturais de grande público passaram a ser uma das características distintivas da civilização europeia (Catroga, 1996). Nesse contexto, a aliança entre festivais e política estatal na junção dos dispositivos de celebração pública geraram uma etiqueta nacionalista que, pouco a pouco, respaldaria o surgimento de várias iniciativas emblemáticas similares, em diferentes territórios no continente europeu, para depois ganhar outras regiões do mundo.

Tais eventos trouxeram consigo a criação da ideia de coesão pela uniformização das práticas de celebração incorporando, de tempos em tempos, determinadas nuances políticas e sociais. A esse respeito, ao tratar do papel ocupado pelos festivais durante o contexto histórico e social da Revolução Francesa, no livro *Festivals and the French Revolution*, a historiadora Mona Ozouf apresenta-nos elementos importantes para refletirmos sobre o tema. De acordo com a autora,

Os festivais inauguraram uma nova era, porque tornaram sagrados os valores de um mundo moderno, secular e liberal. Em termos mais concretos, isso significava que a nação exigia novas categorias de definição social, uma vez que as antigas categorias haviam desaparecido com a abolição das corporações do Antigo Regime e títulos de nobreza (...). Os festivais enfatizavam o consenso e a unidade, em vez de distinções dentro da comunidade⁴⁰ (Ozouf, 1988: XI).

Segundo a necessidade de celebração e de demarcação de territórios, dentro da nova matriz de pensamento democrático que sustentaria todo o período iluminista, surgiriam os primeiros indícios do papel que a cultura passaria a ocupar como valor signo (Baudrillard, 1995). Tal evolução prenunciaria a definição de um novo campo de poder que serviria de base para movimentos populares, em várias partes do globo. Como arquétipo e símbolo de liberdade, a queda da Bastilha trouxe com ela a celebração de novos feriados nacionais, na França, enaltecendo significativamente aspectos nacionalistas para a condução das festividades e afirmando novas dinâmicas sociais e culturais naquele país (Ozouf, 1988). A nova elite cunhada segundo os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, precisaria criar estratégias de consagração que a distanciasse do obsoleto poder absolutista que acabara de ser destituído. “Através dos festivais, o novo vínculo social deveria se tornar manifesto, eterno e intocável”⁴¹ (Ozouf, 1988: 9); essa nova dinâmica social e os mecanismos de celebração nela implícitos estabeleceriam, de forma contundente, a relação direta entre identidade cultural e posse do território nacional, festejando sua fixidez.

Tempos depois, um processo similar de proliferação de festivais passa a acontecer, também, na Alemanha, onde os “*Sängerfeste* (festivais de canto) reuniram grupos de diferentes cidades, durante vários dias de concertos, desfiles, serenatas, banquetes e discursos. Sua primeira edição ocorreu na cidade de Baden, em junho de 1827” (Wiltse, 2015: 275). De acordo com esse mesmo autor, durante a década de 1830, os festivais regionais de cenas com centenas de participantes se

⁴⁰ Tradução livre do autor. No original “The festivals inaugurated a new era because they made sacred the values of a modern, secular, liberal world. in more concrete terms, this meant that the nation required new categories of social definition, the old categories having disappeared with the abolition of Old Regime corporations and titles of nobility (...). The festivals emphasized consensus and oneness rather than distinctions within the community” (Ozouf, 1988: XI).

⁴¹ Tradução livre do autor. No original “Through the festival the new social bond was to be made manifest, eternal, and untouchable” (Ozouf, 1988: 9).

tornaram eventos regulares em todos os estados alemães (*Ibidem*), passando a se estabelecerem como ocasiões para expressar a pertença coletiva a um grupo ou a um lugar. Ao criar oportunidades baseadas no compartilhamento de histórias, práticas e ideais culturais, esses eventos geram continuidade e coesão local (Quinn, 2005).

Fora do eixo europeu, durante a década de 1870, diversas cidades americanas começaram a hospedar festivais musicais, a exemplo de San Francisco, Milwaukee, Chicago, Worcester, Filadélfia e Cincinnati (Wiltse, 2015). À medida que a cultura das grandes metrópoles colonizadoras se misturava com a de seus antigos territórios colonizados, folguedos e celebrações populares, pouco a pouco, se decantavam em estilos próprios e festejos regulares, tal como foi o caso da propagação das festas de carnaval no Brasil (Bosi, 1992). Embora as motivações nacionalistas não tenham sido correspondentes e homogêneas em todos estes processos, é possível dizer que a música ocupou quase sempre um lugar marcante na grande maioria deles, especialmente, a partir da primeira metade do século XIX. Nessa época, ela se alia de forma direta ao uso patriótico e militar observado em diferentes manifestações culturais urbanas, tanto nos países do hemisfério norte, quanto nos países do Sul. Neles, “a música serviu de acompanhamento para discursos, desfiles e celebrações com fogos-de-artifício (...), e foi, principalmente, destinada a inspirar patriotismo e promover a unidade nacional”⁴² (Wiltse, 2015: 273).

Paisagens sonoras como pano de fundo para novas formas de sociabilidade, convívio e controle social na apropriação do espaço público não são recentes, embora a música como subterfúgio para a criação de uma atmosfera festiva se tenha intensificado, especialmente, durante o século XIX. Isso porque, nesse período, em diferentes lugares e contextos sociais, foi possível observar uma carga considerável de patriotismo presente nas letras, na ambientação estética e na atmosfera política aliadas a esses tipos de eventos, tal qual nos sugere a passagem seguinte do historiador Jeff Wiltse (2015): “a música pública acrescentava pompa cerimonial e exaltação patriótica a importantes eventos cívicos”⁴³ (Jeff Wiltse, 2015: 274).

Associando a consolidação de territórios ao sofisticado campo de consumo cultural refletido pela festividade moderna (Flinn & Frew, 2014), é possível vincular a realização de festivais à consolidação das grandes cidades, quando as celebrações

⁴² Tradução livre do autor. No original “There was another more orderly and ceremonial side to public music during the first half of the nineteenth century. Military bands consisting of a drum, fife, and trumpet sometimes performed at Fourth of July celebrations and other civic events. The music served as an accouterment to the speeches, parades, and fireworks (...) was primarily intended to inspire patriotism and promote national unity” (Wiltse, 2015: 273).

⁴³ Tradução livre do autor. No original “The public music added ceremonial pomp and patriotic excitement to important civic events” (Wiltse, 2015: 274).

públicas passam a servir como elementos estratégicos para a instauração de diferentes nacionalismos europeus, a partir do século XVIII. Elas envolverão novas nuances políticas, movimentos migratórios, processos de descolonização e inúmeros movimentos negociais entre diferentes países ao redor do globo *a posteriori*. Neste sentido e, conforme afirma Focroulle (2008), tais tipos de eventos foram, de uma maneira geral, grandes influenciadores das políticas culturais nacionais e locais.

Aqui recai, justamente, o argumento-chave que vem sendo discutido nesta seção. A ideia de construir uma dimensão simbólica em torno do nacionalismo estava diretamente implicada na capacidade do instrumento de controlo estatal em gerar coesão social e identidade territorial. É importante observar, ainda, que esse é o período no qual as novas burguesias ascenderam aos novos postos de poder político valendo-se, entre outros meios, da criação de elementos culturais que as tornariam distintas em comparação às velhas cortes (Elias, 2011).

Nesse processo de resignificação de poder na nova configuração dos Estados-Nação, Anne-Marie Autissier (2008) define os festivais como estratégias transfronteiriças repletas de questões polêmicas e paradoxos, ao mesmo tempo que atribui a eles um importante papel como agentes de internacionalização da Europa, através da promoção de diálogos entre diferentes culturas. Ao propor um quadro que posiciona artistas e festivais, no período entre guerras e exílios de 1864 a 1944, a autora reforça o argumento de que tais eventos serviram como importantes elementos de ligação cultural no continente, movimento no qual alguns deles tiveram (supostamente) o papel de reunificar a Europa pela cultura (Autissier, 2008). Criados, há pouco mais de setenta anos, os festivais de Edimburgo e de Avignon, sejam talvez os casos mais idiossincráticos que sustentam essa ideia, tendo em vista que, desde o início, a programação desses eventos foi baseada em atrações de cariz nacional e internacional.

Como já apresentado, a importância dos ritos de celebração em geral para homogeneizar, diminuir as diferenças e estabelecer controlo social na Europa não é recente e se, em determinados períodos históricos, tais eventos foram tratados como dispositivos criadores de sentimento de nacionalismo e coesão social, em outros eles atuaram como peças-chave para a configuração de novos valores de classe. A cultura unitária promovida por sua oferta de programação andava, na maioria das vezes, de mãos dadas com o discurso patriótico nacionalista e, ao mesmo tempo, trabalhava no sentido de promover uma boa imagem para o desenvolvimento das cidades.

Associado a práticas ilícitas de lazer permitidas pela invenção dos turnos e divisão do trabalho, no contexto pós Revolução Industrial, o festival passa a assumir expressão significativa como forma de controlo social. A utilização desses eventos

para regular a pulsão libidinal e o divertimento das massas se torna mais evidente durante o período das cidades industriais (Elias, 2011). A partir do século XIX, eles serão utilizados como dispositivos para a produção de ordem, disciplina e sentido de civilidade das populações urbanas (Catroga, 1996), em particular, das classes trabalhadoras. O surgimento de conservatórios de música, academias de arte e escolas de formação de caráter político-nacional, ao longo dos séculos XIX e XX, respaldariam esse movimento, ao mesmo tempo que colocariam em ascensão os valores de uma nova classe construída sob os auspícios do capitalismo.

4. Festival urbano, novas elites e “alta cultura”

George Yúdice (2006) vai buscar as raízes das políticas culturais, no século XIX, para pensar questões que envolvem a formação das novas elites e sua relação com a cultura. Nessa época de ascensão do nacionalismo burguês é que foram estabelecidos, de modo mais claro, os objetivos identitários, os símbolos de coesão da nação, e a manifestação cultural associada às políticas de identidade. A criação de distintivos simbólicos (Bourdieu, 2007) passa a ser importante como marcador do novo grupo, e o acesso a determinados fazeres artístico-culturais configura-se de forma significativa dentro desse sistema. Além dos concertos eruditos e instrumentais, da dança e do teatro, é nessa época que o conceito de patrimônio histórico começa a assumir importância mais significativa (Le Goff, 2012). Inventado no bojo da Revolução Industrial, ele passa a fazer com que arquivos públicos, bibliotecas, museus e conjuntos arquitetônicos sejam utilizados, de forma mais contundente, como distintivos para a identidade urbana de cidades e países.

É importante não esquecer que, antes da consolidação do Estado moderno, as festas e os rituais de celebração já atuavam como componentes importantes dos processos de integração, de identificação sócio territorial e de dominação dos grupos que detinham o poder naquela época (Elias, 2011). No contexto do hemisfério sul, os antigos regimes monárquicos de áreas colonizadas, como é o caso do Brasil, apresentavam uma abordagem sobre o tema um bocado diferente daquela observada no Norte.

Expressão de representação da ordem social no país, o evento público era uma espécie de etiqueta, festa, cerimonial com uma linguagem específica do ambiente de corte e da afirmação política dos descendentes da coroa portuguesa no Brasil, na segunda metade do século XIX (Paiva, 1997). Além de sua função ritual ou nacionalista, eventos públicos nesse contexto, eram também um fato político e simbólico (Del Priore, 2000). Cerimônias serviam como estratégias de teatralização do poder (Paiva, 1997) na nova fase política do país, a qual insinuava a consolidação do processo de “independência” que seria, posteriormente, invocado pelas elites do país.

Ao conjecturar sobre o surgimento desses tipos de eventos, Johansson e Kociatkiewicz (2011) usam como referência os casos alemães do Festival de Bayreuth (realizado pela primeira vez em 1876) e do Festival de Salzburger (organizado pela primeira vez em 1920). Como exemplos icônicos dos eventos culturais realizados naquela época, tais iniciativas se preocupavam em exibir o que era considerada a “alta cultura”⁴⁴. Definidora para o processo civilizatório da nova burguesia, em ascensão em países como a Alemanha (Elias, 2011), ela passaria a refletir a posição e o gosto da burguesia urbana, impactando as configurações de poder em diversas partes do mundo.

De fato, como argumenta Bassett (1993: 1774), o apoio às artes estava implícito nos esforços feitos pelas elites sociais para exercer seu domínio e delimitar as fronteiras sociais entre eles e a população em geral. Festivais como os de Bayreuth e Salzburgo contribuíram para o processo de reafirmação dos valores civilizatórios e educacionais da “alta” cultura⁴⁵ (Quinn, 2005: 929).

O princípio básico que estreitava a aliança entre cidade e “alta cultura” será observado em outras fases da história ao longo do século XX, nas quais esse dispositivo de diferenciação de classes continuou sendo acionado. Subjacente ao mecanismo da valorização e impulso dos festivais, por parte de suas entidades organizadoras, passou a existir a replicação de um discurso no qual estava implícito que a forma pela qual minha cultura é exercida é mais importante do que a forma como você exerce a sua, engrenagem básica que garantiria o funcionamento dos mercados de exibição (Boyer, 1998) e autenticidade (Fortuna, 2013), que passariam a vigorar na ascensão das cidades como territórios de poder da nova ordem burguesa. Aqui, o sentido de valor signo, expressado por Braudillard (1995), passa a ocupar um lugar importante para a circulação de imagens e constituição do mercado simbólico de controle, quando os eventos com caráter de exposição e divulgação pública de cultura, em geral, ganham notoriedade no desenvolvimento de diferentes centros urbanos.

Importantes cidades que conquistaram poder, no decorrer do último século, assim o fizeram conjugando sua imagem à ideia de cultura, como é o caso de Paris, Londres e Nova Iorque. Atuando para a conquista e consolidação de novos mercados, é possível dizer que elas se valeram das festividades para exercer poder sobre seus territórios de interesse econômico. Como caso específico relacionado a esta discussão, Muir (1997) descreve o modo como Veneza construiu e representou

⁴⁴ O sentido de “alta cultura” corresponde a uma hierarquização cultural que, sendo operativa, tem que ser relativizada como resultado de um poder cultural - daí o uso de aspas no emprego dessa expressão.

⁴⁵ Tradução livre do autor. No original “Indeed, as Bassett (1993: 1774) argues, support for the arts was implicit in the efforts made by social elites to exert their dominance and demarcate social boundaries between themselves and the population at large. Festivals like those at Bayreuth and Salzburg contributed to the process of reaffirming the civilizing and educational values of ‘high’ culture” (Quinn, 2005: 929).

seu domínio colonial através do ritual e das festas culturais, forçando cidades inteiras a celebrar os dias de São Marcos, seu santo padroeiro (Quinn, 2005). Por trás da dimensão comunal e participativa existente no conceito original das práticas festivas, a celebração era empregada para o controle de territórios e para diferenciação de classes sociais, mantendo a soberania em suas diferentes formas de poder por meio da cultura.

5. Histórias em aberto

Fenômeno presente em diferentes sociedades e períodos históricos, o tema dos festivais contém vários significados. Sua existência sugere diferentes sentidos para questões essenciais, sentidos rituais, construção de identidade, nuances de resistência, aspectos de subversão, prática de coletividade pública e criação de sentido comunitário. Como demonstrado no percurso realizado, seus usos ao longo da história recaem em temas específicos, a exemplo da construção de nacionalismos, da formação de novas elites pela “alta cultura” e da definição de espírito cosmopolita urbano.

A história interfere, cria e recria constantemente a elaboração de conceitos, e por isso o presente ensaio não se ateve necessariamente no trabalho de noções definitórias e marcos conceituais para celebrações, rituais, festas, festividades e festivais. A partir do entendimento de que estes conceitos são polissêmicos, muitas vezes se mesclam e que se encontram em constantes processos de resignificação, ao invés de delimitar diferenciações entre eles, o intuito deste artigo foi perceber algumas das relações mais significativas estabelecidas entre festivais e cidade. As narrativas sobre estas e outras celebrações públicas - esfera onde o desejo e o conhecimento se encontram; onde a educação das massas dá lugar à alegria; onde existe a combinação entre política e psicologia, estética e moral, propaganda e religião - está preenchida por interesses econômicos de múltiplas instituições.

Contextualizando estas reflexões para cenários mais contemporâneos, os significados que recaem mais recentes sobre festivais podem estar ligados a questões socioeconômicas (novos mercados da cultura, processos de gentrificação, redefinição de margens, ativação da noite, projetos de regeneração urbana, circuitos criativos, turismo, marketing, *city branding*, *placemaking* e mediatização da cidade). Assim como acontece nos estudos culturais, a problemática destas e de outras celebrações públicas implica um diálogo entre tese e antítese, que está o tempo todo presente na reflexão das dinâmicas sociais contemporâneas, requisitando que o tema seja compreendido de forma constante por meio de definições que são e serão sempre abertas. Cabe-nos, portanto, compreendermos os contextos sociais que os envolvem e estarmos atentos às cadeias discursivas que os delinham.

O caminho percorrido pelas diferentes nuances temporais ao longo do texto nos mostra diferentes enunciações da importância da celebração pública como elemento recorrentemente presente na organização dos modos de vida urbanos. O caráter subversivo e liminar, a intenção política e econômica, o viés cosmopolita, nacionalista, pacifista ou de resistência latente aos festivais aparecem em todo o desenvolvimento da relação que envolve festival e cidade. É importante frisar que estes diferentes papéis não se substituem de forma linear na história e, muito menos, se anulam. Ao contrário, eles perfazem um processo que é e será sempre inacabado, continuamente, recontado e passível de novas interpretações.

As diferentes pontes de diálogo com a história, aqui realizadas, tiveram por função posicionar o leitor para, a partir dos fatos e informações narradas, traçar contornos, entendendo limites e abrindo possibilidades para o entendimento do presente. Embora o tema dos festivais culturais se enquadre, na maioria das vezes, em papéis coadjuvantes nas narrativas históricas oficiais, os exemplos citados nas seções anteriores permitem aqui posicioná-los como agentes significativos no desenvolvimento das cidades. Se, a princípio, o exercício quase constante de citar de uma série de festivais e cidades, ao redor do mundo, pode parecer exaustivo, ele serve justamente para não correr o risco de generalizar o conceito de festival. Sabemos, e a história mostra, que há tipos de festivais muito diversos e com diferentes funções, a depender do contexto em questão. Como quem olha para a infinidade de formas num caleidoscópio, a intenção deste artigo foi aguçar melhor nossas percepções para perceber esses tipos de eventos, a partir de seus processos de significação e não, necessariamente, de sua forma fixa, material.

Fazer esse tipo de percurso longitudinal - “de trás para frente”, por assim dizer - entender como o passado conduziu ou influencia concretamente o presente, e que tipo de ligações pode ser estabelecido entre festivais contemporâneos e festivais do passado - é um exercício desafiador. Como sugerido pelo historiador Carlo Ginzburg (1987), o ofício do fazer historiográfico implica em temer o anacronismo como o diabo, além de evitar ligações que não existem ou acontecem sem correspondências com significados modernos.

Tendo isso em consideração, é possível afirmar que, embora apresentem movimentos repletos de avanços e recuos, os festivais têm participado do desenvolvimento das cidades, ao longo de toda a história: aproximando e distanciando a cultura e as disciplinas artísticas da igreja, num determinado momento, para, logo em seguida, buscar posicionamento laico e respaldar os valores de um mundo moderno, secular e liberal. A alternância da associação entre festivais com cidades e Estados-Nação também exemplifica a não-linearidade deste movimento, instigando nossas reflexões acerca do processo histórico, o qual deve ser considerado propenso a errâncias e movido por redes de interesses políticos, sociais, econômicos e culturais. Resta-nos, portanto, estarmos atentos às pistas que

encontramos no caminho e dedicarmos atenção para compreender seus cruzamentos e controvérsias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, Richard (1986). *A book of British Music Festivals*. Londres, Robert Joyce Limited.
- Autissier, Anne-Marie (2008). *L'Europe des festivals. De Zagreb à Édimbourg, points de vue croisés*. Paris: Éditions de L'Attribut.
- Bakhtin, Mikhail (1968). *Rabelais and His World*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.
- Baudrillard, Jean (1995). *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.
- Bosi, Antonio (1992) *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, Pierre (2007). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Catroga, Fernando (1996). Ritualizações da história. In Torgal, Luís Reis; Mendes, José Amado; & Catroga, Fernando. *História da história em Portugal*. Sécs. XIX-XX (pp. 547-671). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Considère-Charon, Marie-Claire; Laplace, P. & Savaric, Michel (2009). *The Irish celebrating. festive and tragic overtones*. Cambridge: Cambridge Scholar Publishing.
- Costa, Antonio Firmino da (2008). *Sociedade de bairro. Dinâmicas sociais da identidade cultural*. Lisboa: Celta Editora.
- Del Priore, Mary (2000). *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, Gilles (1991). *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34.
- Durkheim, Émile (2003). *Ética e sociologia da moral*. São Paulo: Landy.
- Elias, Norbert & Dunning, Eric (1992). *Memória e sociedade a busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Elias, Norbert (2011). *O processo civilizador. Vol. 1: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Flinn, Jenny & Frew, Matt (2014). Glastonbury: managing the mystification of festivity. *Leisure Studies*. 33 (4), pp. 418-433.
- Focroulle, Bernard (2008). Préface. In Autissier, Anne-Marie (Org.). *L'Europe des festivals. De Zagreb à Édimbourg, points de vue croisés*. Paris: Éditions de L'Attribut.
- Fortuna, Carlos. (1998). Imagens da cidade. Sonoridade e ambientes sociais urbanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51, pp. 21- 41.
- Ginzburg, Carlos. (1987). *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Handelman, Don (1998). *Models and mirrors: Towards an anthropology of public events*. Nova Iorque: Berghahn Books.
- Huizinga, Johan (2010). *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify.
- Johansson, Marjana e Kociatkiewicz, Jerzy (2011). City festivals: creativity and control in staged urban experiences. *European Urban and Regional Studies*. 18 (4), pp. 392-405.
- Le Goff, Jacques (1999). *Por amor das cidades*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Le Goff, Jacques (2012). *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp.
- Lefebvre, Henry (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica Editora.
- Martinez, Norberto Muñoz. (2012). City marketing and place branding: A critical review of practice and academic research. *Journal of Town e City Management*. Vol. 2, 4, pp. 369-394.
- Merkel, Udo. (2014). *Power, politics and International Events. Socio-Cultural analyses of festivals and spectacles*. London and New York: Routledge.
- Muir, Edward (1997). *Ritual in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ozouf, Mona (1988). *Festivals and the French Revolution*. Cambridge: Harvard University Press.
- Paiva, José Pedro (1997). Etiqueta e cerimônias públicas na esfera da Igreja (séculos XVII- XVIII). In Jancso, Istvan & Kantor, Iris (Org.). *Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Ática.
- Quinn, Bernardette (2005). Arts festivals and the city. *Urban Studies*, 42 (5-6), pp. 927-943.
- Rappaport, Roy (1999). *Ritual and religion in the making of humanity*. Cambridge: Cambridge studies in Social and Cultural Anthropology.

- Simondon, Gilbert (2005). *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. [1958 - ILFI] Grenoble: Éditions Jérôme Millon.
- Turner, Victor (1982). *Celebration: Studies in festivity and ritual*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Wiltse, Jeff (2015). Cities are Alive with the Sound of Music: Saengerfest and the Transformation of Urban Public Music in Nineteenth-century America. *American Nineteenth Century History*, 2015. 16 (3), pp. 269-296.
- Yúdice, George (2006). A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Paulo Nunes. Doutorando no Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra- Portugal e Professor Adjunto do IFQ - Universidade Federal de Itajubá - Brasil. Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal. E-mail: paulonunes@unifei.edu.br. ORCID: 0000-0003-2592-3197.

Receção: 12-03-2019

Aprovação: 22-05-2019

Citação:

Nunes, Paulo (2019). Música dançada a dois. Para um balanço histórico da relação festival-cidade. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 2(1), pp.66-81. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/ta2n1a4